

Foi solicitado ao Hospital Universitário de Clínicas Veterinária – UFPel, em fevereiro de 2008, o atendimento de 10 eqüinos em um centro de reprodução na cidade de Pelotas, sendo 9 éguas e 1 potro. O proprietário relatou que há 15 dias uma das éguas apresentou lesões crostosas na região do focinho. A partir desse momento mais 8 animais cursaram com os mesmos sinais clínicos, inclusive um potro. Na inspeção, observava-se formação de vesículas (pápulas) intradérmicas ao redor das narinas e no lábio, na porção interna e externa, e na palpação verificava-se sensibilidade e a presença de secreção translúcida responsável pela formação de crostas. Tais lesões após manipulação tornavam-se sangrantes. Em uma das éguas foi observado lesões no úbere, sendo esta égua a mãe do potro. As éguas apresentaram dificuldade na apreensão de pasto com conseqüente diminuição da ingesta.

Foram coletados, em forma de amostragem (n=5), sangue para exame hematológico e sorológico, onde se suspeitava de Estomatite Vesicular. Também foram coletadas amostras de tecido para histopatológico e swabs da secreção das crostas para cultivo e isolamento microbiano.

RESULTADOS

Através da anamnese constatou-se que o quadro clínico agudo tinha duração de cinco dias, neste período, os animais apresentavam-se alertas e sem alteração nos sinais clínicos gerais, porém se detectava linfonodos parotídeos, submandibulares e retrofaríngeos infartados. As lesões variavam de 2-3 mm de diâmetro, conforme descrito por Derek et al. (1998). A medida que as crostas desprendiam-se se formavam áreas ulceradas que posteriormente tornar-se-iam despigmentadas.

Após um curso clínico de cinco a oito dias, as lesões apresentavam-se mais espaçadas e brandas, apresentando apenas crostas e poucas vesículas. Na inspeção do lábio, em sua porção interna, não se detectava mais o padrão vesicular presente nos animais em curso agudo. Nos animais com tempo superior há oito dias foi observado apenas despigmentação da pele e hiperqueratose na região afetada, sem qualquer outro sinal.

A avaliação sorológica para Estomatite Vesicular foi negativa, e na análise sanguínea foi encontrada acentuada eosinofilia e hiperfibrinogenemia em 100% dos animais em curso agudo. Os demais parâmetros sanguíneos permaneceram inalterados. Da secreção coletada não houve crescimento bacteriano ou fúngico. Através da microscopia eletrônica da amostra de tecido coletado, foi caracterizada a presença de corpúsculos de inclusão intracelulares, associados a um poxvírus. Desta amostra de tecido ainda foi feita incubação de ovos embrionados e foram observadas lesões do tipo “pock” após a inoculação de tecido em uma membrana de corioalantoidiana (CAM), compatível com Molluscum Contagiosum vírus.

Assim, a partir dos sinais clínicos observados, incubação de ovos embrionados, e avaliação histopatológica, pôde-se estabelecer o diagnóstico de Molusco Contagioso nos animais avaliados.

Esta enfermidade apresenta poucos relatos em todo o mundo, apresentando baixa mortalidade nos casos observados, porém é de relevante importância por acarretar perdas no desempenho de eqüinos, através da diminuição da ingestão de alimento, além de infecções bacterianas secundárias.

CONCLUSÃO

Conclui-se que por tratar-se de uma zoonose de rara ocorrência e diagnóstica pela primeira vez em eqüinos no Brasil, tem-se pouco conhecimento sobre a patogenia e formas de transmissão. Além do desconhecimento das consequências desta enfermidade sobre o desenvolvimento de animais jovens. Contudo torna-se importante novas pesquisas sobre a doença Molusco Contagioso.



Foto 1: Animal com curso agudo da doença.



Foto 2: Animal em processo de recuperação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLOOD, D.C. & RADOSTITS, O.M. Clínica veterinária 7ª edição: Editora Guanabara Koogans S.A., 1991

BRENA, NILSON ANTONIO; Doenças Sexualmente Transmissíveis/Nilson Antonio Brena. --1ª ed.-- São Paulo SP: Ed. Do Autor, 2006.

PARR RP, BURNETT JW, GARON CF. Structural characterization of the molluscum contagiosum virus genome. Virology 1977;

POSTLETHWAITE R. Molluscum contagiosum: A review. Arch Environ Health 1970;

JONES, T.C.; HUNT, R.D.; KING, N.W. Patologia Veterinária, 6ª ed., 2000;

KNOTTENBELT, DEREK C.; PASCOE, REGINALD R. Afecções e Distúrbios do Cavallo. 1 ed. Manole, 1998.